

SOB O SIGNO DE PROTEU

O tema da metamorfose é talvez o mais antigo da história da arte. O que fascina, na arte mas também na ciência, é sempre o espanto da transformação. A mão delineada a sangue numa gruta rupestre é, desde há milhares de anos, uma estrela, ainda que só o caçador que a pintou o tivesse visto. Ele morreu há muito mas o vazio da sua mão permanece visível. A mão tornou-se pintura do ausente e o sangue tornou-se tinta. Por causa disso escreveu Ovídio, nas primeiras linhas das *Metamorfoses*: “É meu único propósito escrever sobre os corpos que foram transformados na sua aparência”.

As metamorfoses são o sinal mais certo da vida. Da matéria informe teria nascido o fogo, o ar, a terra e a água. E libertos estes elementos, “mais frios ou quentes, mais húmidos ou secos, flexíveis ou rígidos, leves ou pesados”, ela deu forma a todos os objetos e seres que conhecemos, “dando a cada um deles um tempo e um lugar diferentes, ainda que unidos por harmoniosos laços”.

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta naturalidade da metamorfose: nada a obriga a pintar que não seja ainda o impulso do caçador que deixou a sua marca vazia na parede da caverna. Move-a ainda o mesmo espanto da mudança. Há nos quadros de Filomena Vasconcelos uma definição da forma que é feita pelo espaço interior da linha (uma contraposição por vezes extrema do branco, das cores quentes e frias, de água viva e folhas secas) e pela fundição dos tempos (as folhas são flores e têm frutos as flores).]

Não se trata talvez da metamorfose, mas de uma estrada de Damasco que a revela. O primeiro livro de Pascoaes, *Embriões* (1895) – editado quando o poeta tinha 16 anos e depois renegado talvez só por causa de uma crítica severa de Guerra Junqueiro – tinha já o que importa: esse espanto perante o que muda de forma. Dirá depois Pascoaes, em *Verbo Escuro*: “Dezassete anos! Época tumultuosa em que deixamos a infância, o áureo ciclo. [...] Nesta idade, o coração devora fantasmas de beleza. Nem há nada que chegue aos nossos olhos na sua exclusiva e própria forma. O nosso espírito, em pleno poder criador, tudo refaz e transfigura, dando a tudo a carne e o sangue do seu corpo”. Lembra o caçador...

Sophia de Mello Breyner, adolescente ainda, preparou uma entrada teatral no solar do vetusto Pascoaes, em Amarante: montada num cavalo, levava com ela somente um *chaperon* e as *Metamorfoses* de Ovídio. Sophia, que editara também aos 16 anos o seu primeiro livro de poesia (nunca renegado talvez só por causa de uma crítica benevolente de Pascoaes), vem-lhe talvez agradecer coisas antigas, e a certeza de não viver sozinha com elas. Em 1944, Sophia tinha aberto esse seu primeiro livro com os versos: “Apesar das ruínas e da morte,/ onde sempre acabou cada ilusão,/ A força dos meus sonhos é tão forte,/ que de tudo renasce a exaltação/ e nunca as minhas mãos ficam vazias”...

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta artificialidade da metamorfose: tudo a obriga a pintar, porque o espanto com que se observa a mudança é uma dívida a retribuir e um testemunho a passar. Há nos olhos das personagens por ela retratadas um diálogo com a história da Arte: neles se pode ler, sincreticamente, a lição dos hieróglifos egípcios, dos ícones bizantinos, dos vitrais góticos, das *demoiselles* de Picasso, dos noivos de Chagall ou dos ovos de Dali.]

Tudo é metamorfose, raiz de todas as histórias. O próprio monomito da Viagem – o ciclo heroico que, segundo o antropólogo Joseph Campbell, enforma todos os mitos – é uma variante humanizada da Metamorfose. Toda a Viagem digna do nome exige uma metamorfose do humano. Nunca se pode chamar “viagem” ao encontro com o que somos, à deslocação de um corpo igual à chegada e à partida.

A única viagem possível é aquela de que fala Agustina Bessa-Luís, na *Embaixada a Calígula*. Remete estranhamente ainda para os versos de Sophia. Ambas nos descrevem a viagem rara, a dos tempos em que todos são viajados: “Mas a viagem [...] com as suas alegrias que nascem inexplicavelmente dum golpe de vento na poeira sobre uma ponte, duma sensação de vida isolada e profunda quando atravessamos uma terra estrangeira – ah, essa viagem poucos a podem experimentar!”

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta liberdade da metamorfose: todas as artes são uma única arte, a arte de sentir. Com naturalidade a Pintura se junta à Literatura. Há não raro nos quadros de Filomena Vasconcelos um conjunto de citações literárias, e evocam as metamorfoses, ou interpretações, da leitura de Sophia, Agustina, Ramos Rosa, Florbela Espanca, Shakespeare, Blake ou Kafka. A linha das letras confunde-

se com o traço do pincel. No vazio aparecem pássaros. Escondidos entre a folhagem dos cabelos, só pelo chilreio se suspeitam.]

Na viagem não interessa onde se vai, mas como se vai (ou como se vê). Por isso a viagem pode ocorrer do outro lado do mundo ou à roda do quarto. Ocorre porque observamos um azul índico numa poça de água, ou uma lagarta que arrasta ainda a seda do casulo quando voa.

Essa memória da mutação é saudável: é uma proteína, palavra que deriva de Proteu, o deus da metamorfose, o seu poder de ser outra coisa e nada morrer. O livro de Ovídio é também uma homenagem a *De Rerum Natura*, de Lucrecio: na natureza das coisas tudo seria feito da transformação (da água, do céu, da terra e do fogo). Mas Ovídio psicologiza Lucrecio. Não se trata somente de um processo químico, mas alquímico, aplicável ao material e imaterial: em ambos “nada nasce do nada”.

[O que gosto na pintura de Filomena Vasconcelos é esta inteireza da metamorfose: o traço é fluido mas uno. Se ser inteiro é nada excluir ou exagerar, devemos admirar nestes quadros a inteireza que vai do pássaro à serpente. Estão “unidos por harmoniosos laços”, compreendidos numa gradação, mais ou menos violenta. Talvez porque não há mal, ou bem, que não flua para o seu contrário – fórmula inventada talvez para nos salvar de tudo o que não quer mudar.]

Maria Luísa Malato

Porto, Junho de 2021